

Petróleo Empresas menores buscam alternativas após interrupção de venda de poços já maduros

Sem ativos da Petrobras, consolidação é opção de expansão para petroleiras

Mônica Scaramuzzo e
Fernanda Guimarães
De São Paulo

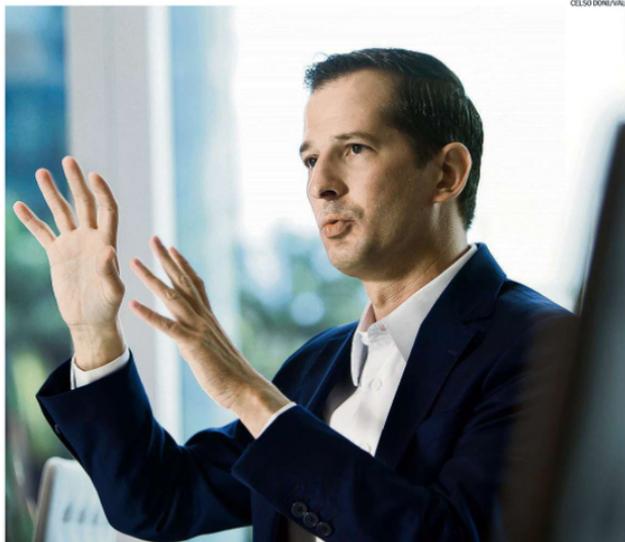
As empresas independentes do setor de petróleo e gás podem se tornar alvo de um movimento bilionário de fusões e aquisições (M&A, na sigla em inglês), em um momento em que as companhias do setor começam a redefinir o foco para novas estratégias de crescimento futuro.

A busca por alternativas que garantam a expansão ocorre diante da expectativa de interrupção na venda de poços já maduros pela Petrobras na atual gestão petista. Com isso, essas companhias estão atentas atrás de possibilidades para seguirem entregando crescimento aos seus acionistas.

"Podemos ver uma busca de empresas menores do setor de petróleo por oportunidades de crescimento. Companhias que cresceram via aquisição de ativos da Petrobras podem começar a olhar possibilidade de M&A", diz Felipe Thut, responsável pelo banco de investimento do Bradesco BBI.

O analista sênior de óleo e gás do UBS BB, Luiz Carvalho, lembra que a abertura do setor de petróleo no mercado de capitais ocorreu há mais de dez anos, tomando esse segmento mais diversificado. Com isso, essas empresas conseguiram se capitalizar, sendo que somente na última janela de ofertas iniciais de ações (IPO, na sigla em inglês), em 2020, estrearam a 3R, PetroRecôncavo e PRIO (ex-PetroRio).

Outra brasileira que abriu capital recentemente foi a Seacrest, mas na Noruega. Todos os ativos da empresa tem como origem ex-poços da Petrobras. Já a Enauta, ex-Queiroz Galvão Óleo e Gás, foi



Thut, do Bradesco BBI: "Companhias que cresceram via aquisição de ativos da Petrobras podem olhar possibilidades de M&A"

uma das pioneiras e abriu seu capital em 2011. O surgimento desse mercado tem relação direta com a Petrobras. Esse nicho da indústria apenas se desenvolveu após a decisão da estatal de se desfazer de campos de extração mais maduros para focar a exploração do pré-sal, mais rentável.

Depois disso, as petroleiras médias passaram a disputar os ativos. "A gente vê como positivo esse processo de desinvestimento e descentralização, não só para a Petrobras, mas para o mercado como

um todo", diz Carvalho, do BB UBS.

Na Faria Lima, esse movimento é dado como certo. O assunto veio à tona com a possibilidade de troca de controle da Enauta, por conta de uma dívida de sua controladora Queiroz Galvão, que deu aos bancos, em 2019, as ações da petroleira em garantia em uma renegociação de dívidas. Nesse contexto, a gestora vive adquiriu as dívidas de parte dos bancos.

Para fontes do mercado financeiro, a Enauta pode, como consequência, virar alvo das empresas

concorrentes. No entanto, alguns movimentos começaram a ser observados no ano passado. A PetroRecôncavo comprou a Maha Energy Brasil por US\$ 138 milhões. Outro M&A, também no ano passado, foi a aquisição pela PRIO.

O pesquisador da FGV Energia, João Vitor Marques, aponta que esse setor de produção de petróleo conseguiu se diversificar, com a chegada dos produtores independentes, mas também de gigantes globais, como a Shell e a Total. O especialista aponta que, ca-

so o programa de vendas de ativos menos rentáveis pela Petrobras não seja mantido, as petroleiras independentes ainda têm, ao longo dos próximos anos, um pesado cronograma de investimentos a cumprir. Mas "em seguida elas podem começar a fazer negócios entre si" e isso deve ser uma solução de médio a longo prazo para essas companhias. Existe ainda a possibilidade, segundo ele, de que as gigantes estrangeiras vendam parte de seus campos, visto que é normal a reciclagem de ativos no setor.

A previsão da associação que reúne as empresas independente, a Abpip, é de que essas companhias invistam cerca de R\$ 40 bilhões em campos terrestres até 2029, na esteira de iniciativas tecnológicas para a extensão da vida útil e aumento da produção de campos adquiridos da Petrobras.

Procurada, a 3R informou que a abertura da indústria de óleo e gás nacional, com a entrada de novas operadoras independentes focadas em incrementar a produção de campos que já não recebiam investimentos, vem trazendo uma nova dinâmica econômica no país. "A 3R se orgulha em fazer parte deste grupo, que vai suportar o ganho de competitividade da indústria nacional e gerar forte impacto econômico e social nas regiões onde atua."

Atualmente, a 3R possui nove ativos: Polos Macau (RN), Areia Branca (RN), Fazenda Belém (CE), Rio Ventura (BA), Recôncavo (BA), Peròá (ES) e Papa Terra (RJ) e está em processo de transição operacional dos Polos Pescada (RN) e Potiguar (RN).

A PRIO e Seacrest não comentaram. Petrobras e PetroRecôncavo não deram entrevista.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Página:** 1